

PSICOPEDAGOGIA E ESTUDANTES NEUROATÍPICOS: INTERVENÇÕES CLÍNICAS E ESCOLARES NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

PSYCHOPEDAGOGY AND NEUROATYPICAL STUDENTS: CLINICAL AND EDUCATIONAL INTERVENTIONS IN AUTISM SPECTRUM DISORDER

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.035-024>

Graziella Praça Orosco de Souza

Doutora em Geografia

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - FCT-
Unesp

Presidente Prudente, SP

E-mail: grazaorosco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9155060189678720>

Fernando Lopes da Silva

Doutorando em Geografia

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - FCT-
Unesp

Presidente Prudente, SP

E-mail: fernandoeducar.educar@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3704576284713344>

Meirydianne Chrystina de Almeida Santos Silva

Doutoranda em Ensino - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Mestre em Letras - Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Codó - MA

E-mail: atividadesmeiry@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2286620649583324>

João Vieira da Silva Junior

Mestre em Letras

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Codó - MA

E-mail: jjunyor3mil@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5469337055893115>

Camilly Victória Santos Silva

Graduanda em Direito

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Codó - MA

E-mail: almeida.amyx@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8949236484172278>

Ana Vitoria Rodrigues Ferreira

Especialista em Direito
Faculdade do Vale do Itapecuru - FAI
Codó - MA

E-mail: anavitoriaadvogada@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6663994465428293>

Kaira Rossana Vilarinho Santos Pinheiro

Especialista em Gestão Escolar na Perspectiva da Educação Integral
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI
Teresina - PI

E-mail: kairavilarinho@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0698558349729155>

Sonia Maria Barros da Silva Pinheiro

Pedagoga - Mestranda em Educação
Universidade Federal do Maranhão
Codó - MA

E-mail: soniabs3@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4805904428043906>

Claudia Ferreira Costa

Especialização em Administração Educacional e Psicopedagogia
Universidade Castelo Branco de Várzea Grande - MT
Primavera do Leste - MT

E-mail: claudiaf.c@hotmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7534681302515747>

Zulene dos Santos Carvalho

Mestranda em Educação
Instituição: Universidade Federal do Maranhão
UFMA/Codó

E-mail: zulene201605@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9116500948148558>

RESUMO

A Psicopedagogia é um campo interdisciplinar que se dedica a compreender como os sujeitos aprendem e quais fatores podem interferir nesse processo, articulando dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais. No cenário atual da educação inclusiva, sua atuação ganha destaque diante das necessidades apresentadas por estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros perfis neuroatípicos, cujas trajetórias escolares frequentemente exigem mediações específicas. Este capítulo discute fundamentos teóricos e possibilidades práticas da intervenção psicopedagógica, aproximando a Psicopedagogia clínica e institucional de contribuições do neurodesenvolvimento, do processamento sensorial e da Análise do Comportamento Aplicada. Mattos (2019) chama atenção para o impacto das alterações sensoriais na experiência escolar, com efeitos diretos sobre comunicação, atenção e participação do estudante no

cotidiano da sala de aula. Nascimento e Souza (2018) apontam a ABA como uma abordagem que pode ampliar repertórios e favorecer autonomia, ressaltando o papel estratégico do psicopedagogo na organização dessas intervenções. Weiss (2016), por sua vez, destaca o diagnóstico psicopedagógico como prática de escuta e compreensão da singularidade do aprender, evitando leituras reducionistas ou patologizantes. Conclui-se que a Psicopedagogia, ao integrar diferentes saberes, contribui para práticas inclusivas consistentes e para a construção de percursos escolares mais significativos para sujeitos neuroatípicos.

Palavras-chave: Psicopedagogia; TEA; Neuroatipicidade; Inclusão escolar; Intervenção psicopedagógica.

ABSTRACT

Psychopedagogy is an interdisciplinary field dedicated to understanding how individuals learn and which factors may affect this process, integrating cognitive, emotional, social, and cultural dimensions. In the current context of inclusive education, its role becomes increasingly relevant when addressing the needs of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) and other neuroatypical profiles, whose school trajectories often require specific forms of mediation. This chapter discusses theoretical foundations and practical possibilities of psychopedagogical intervention, bringing together clinical and institutional psychopedagogy with contributions from neurodevelopment, sensory processing, and Applied Behavior Analysis. Mattos (2019) highlights the impact of sensory alterations on school experience, directly affecting communication, attention, and participation in everyday classroom life. Nascimento and Souza (2018) point to ABA as an approach that may expand behavioral repertoires and promote autonomy, emphasizing the strategic role of the psychopedagogue in organizing such interventions. Weiss (2016) also stresses the importance of psychopedagogical assessment as a practice of listening and understanding the singularity of learning, avoiding reductionist or pathologizing interpretations. It is concluded that Psychopedagogy, by integrating different fields of knowledge, contributes to more consistent inclusive practices and to the construction of more meaningful educational pathways for neuroatypical learners.

Keywords: Psychopedagogy; ASD; Neuroatypicality; School inclusion; Psychopedagogical intervention.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem humana não pode ser compreendida como um processo linear ou homogêneo, pois envolve múltiplas dimensões do desenvolvimento, da subjetividade e das condições socioculturais. A Psicopedagogia emerge como campo interdisciplinar justamente para investigar os modos singulares pelos

quais os sujeitos aprendem, enfrentam obstáculos e constroem vínculos com o conhecimento. “Diante do crescimento das demandas inclusivas e do aumento de diagnósticos de TEA¹, coloca-se a seguinte questão: de que modo a Psicopedagogia pode contribuir para trajetórias escolares significativas considerando singularidades cognitivas e sensoriais?”

Rubinstein, Castanho e Noffs (2004) ressaltam que a Psicopedagogia nasce historicamente vinculada ao enfrentamento do fracasso escolar, mas passa a compreender o insucesso não como patologia individual, e sim como sintoma complexo e social e exige leituras ampliadas e não reducionistas.

A ampliação das políticas de inclusão escolar, na atualidade, traz novos desafios à escola e às práticas psicopedagógicas, sobretudo no acompanhamento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros perfis neuroatípicos. Nascimento e Souza (2018) afirmam que a inclusão desses alunos demanda intervenções eficazes e planejadas, considera suas especificidades e garante condições reais de participação.

Ademais, pesquisas recentes evidenciam que muitos comportamentos observados em estudantes autistas podem estar relacionados a alterações no processamento sensorial, interfere diretamente na atenção, na interação e no desempenho acadêmico. Mattos (2019) destaca que compreender essas alterações contribui para intervenções mais embasadas cientificamente e menos baseadas em interpretações equivocadas.

Este capítulo propõe discutir os fundamentos da Psicopedagogia na interface com o TEA e a neuroatipicidade, aborda a avaliação psicopedagógica, os desafios sensoriais e comportamentais, e estratégias de intervenção clínica e institucional voltadas à construção de práticas inclusivas mais consistentes.

2 PSICOPEDAGOGIA: CAMPO INTERDISCIPLINAR E COMPROMISSO COM A APRENDIZAGEM

A Psicopedagogia se consolidou como uma área que busca compreender como os sujeitos aprendem e por que, em alguns casos, esse percurso se torna mais difícil no contexto escolar. No cotidiano da sala de aula, especialmente em turmas heterogêneas, essas dificuldades se manifestam de formas distintas e exigem mediações específicas. Seu olhar articula dimensões cognitivas, emocionais e institucionais, permitindo interpretar a dificuldade de aprendizagem não como falha individual, mas como fenômeno construído em múltiplas relações. Contudo, ao longo de sua consolidação, a Psicopedagogia ampliou seu horizonte de análise, deixa de interpretar a dificuldade de aprendizagem como um problema exclusivamente individual e passa a compreendê-la como fenômeno multifatorial, situado em redes institucionais e históricas.

¹ TEA - Transtorno do Espectro Autista

Rubinstein, Castanho e Noffs (2004) afirmam que a Psicopedagogia se configura como uma práxis sustentada por referenciais teóricos diversos e reconhecida academicamente por meio de produções científicas e práticas profissionais consolidadas.

“A Psicopedagogia, enquanto área de atuação preocupada com a questão da aprendizagem humana, é sustentada por referenciais teóricos, ou seja, ela é uma práxis psicopedagógica; é reconhecida academicamente por meio das produções científicas materializadas em teses, publicações e reuniões científicas organizadas pela Associação Brasileira de Psicopedagogia. [...] Disciplinarmente, a Psicopedagogia tem na sua origem a interdisciplinaridade e caminha para a transdisciplinaridade.” (Rubinstein; Castanho; Noffs, 2004, p. 226).

A Psicopedagogia se consolidou como um campo que articula saberes da Educação, da Psicologia e das ciências do desenvolvimento, voltando-se para a compreensão do aprender em sua singularidade. Nesse horizonte, a atuação psicopedagógica não se reduz à identificação de dificuldades escolares, mas busca compreender os modos como cada sujeito constrói sua relação com o conhecimento. Rubinstein, Castanho e Noffs (2004) ressaltam que o foco da Psicopedagogia contemporânea é observar o potencial do estudante, pois “visa-se observar o potencial de aprendizagem do aluno” (Rubinstein; Castanho; Noffs, 2004, p. 225), reconhecendo que o processo educativo envolve dimensões cognitivas, afetivas e institucionais.

A Psicopedagogia foi marcada historicamente por diferentes leituras do fracasso escolar. Durante décadas, predominou uma tendência de patologização das dificuldades, nas quais o insucesso era atribuído a déficits orgânicos ou limitações do aluno. Rubinstein et al. (2004) lembram que, especialmente na década de 1970, prevaleceu uma visão organicista, na qual dificuldades escolares eram explicadas como resultado de disfunções neuromotoras, frequentemente agrupadas sob denominações como Disfunção Cerebral Mínima. Essa lógica produziu um discurso social de culpabilização do sujeito, reforçam práticas excludentes e investigações psicopedagógicas apressados.

Entretanto, A Psicopedagogia contemporânea, desloca o foco da deficiência individual para a compreensão do sujeito em relação com a aprendizagem. O diagnóstico psicopedagógico deixa de ser apenas uma mensuração de habilidades e passa a observar o potencial de aprendizagem e as condições necessárias para que ele se realize. Conforme Rubinstein et al. (2004), a contribuição central da Psicopedagogia atual está em investigar a singularidade dos conflitos que atravessam o aprender, compreende que normas e padrões isolados são insuficientes para explicar a inibição cognitiva ou promover mudanças efetivas. Na prática, o psicopedagogo atua não apenas como avaliador, mas como profissional que escuta, interpreta e intervém na relação do sujeito com o conhecimento.

Além da dimensão clínica, a Psicopedagogia institucional amplia ainda mais esse compromisso ao intervir no interior da escola, analisa práticas pedagógicas, relações sociais e condições estruturais que

impactam o aprender. Rubinstein et al. (2004) ressaltam que a escola contemporânea tem buscado a Psicopedagogia como suporte para compreender e transformar processos internos que produzem exclusão e insucesso. O psicopedagogo assume um papel estratégico na construção de práticas inclusivas, não apenas atende indivíduos, mas contribui para que a instituição escolar reconheça a diversidade como parte constitutiva do processo educativo.

A Psicopedagogia se consolida como campo comprometido com a aprendizagem em sua dimensão humana e plural. Sua atuação pressupõe reconhecer que aprender é sempre um processo singular, marcado pela história do estudante e pelas condições reais da escola, e que as dificuldades não podem ser compreendidas fora das relações sociais e institucionais em que se produzem. Ao recusar explicações simplificadoras e ao sustentar uma leitura complexa do sujeito que aprende, a Psicopedagogia oferece fundamentos importantes para o acompanhamento de estudantes neuroatípicos, como aqueles com TEA, promove intervenções mais sensíveis, fundamentadas e coerentes com os desafios da inclusão escolar.

3 NEUROATIPICIDADE E TEA: SINGULARIDADES DO DESENVOLVIMENTO E DO APRENDER

A compreensão contemporânea sobre os processos de aprendizagem exige reconhecer que o desenvolvimento humano não se manifesta de forma homogênea ou padronizada. A noção de neuroatipicidade, associada ao paradigma da neurodiversidade, tem contribuído para deslocar interpretações centradas exclusivamente no déficit, enfatizando que diferentes formas de funcionamento neurológico constituem expressões legítimas da diversidade humana. Nesse contexto, estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demandam abordagens educacionais e psicopedagógicas que considerem suas singularidades cognitivas, comunicacionais e sensoriais, evita reduções patologizantes e amplia possibilidades de participação escolar.

O TEA é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento cujas manifestações se apresentam em um espectro amplo e heterogêneo. Isso significa que não há um perfil único de estudante autista, mas múltiplas formas de expressão do transtorno, varia em níveis de comunicação, interação social, interesses e comportamentos repetitivos. Nascimento e Souza (2018) destacam que a variabilidade sintomática do espectro autista impede a definição de um padrão único de intervenção, exige práticas individualizadas e sensíveis às necessidades específicas de cada sujeito. A Psicopedagogia encontra-se diante do desafio de construir estratégias que respeitem a singularidade do aprender no espectro autista.

A inclusão de estudantes autistas não se resolve apenas com matrícula ou permanência física na escola regular. Ela depende de condições pedagógicas concretas que favoreçam comunicação, participação e autonomia, especialmente em turmas numerosas, nas quais o professor precisa lidar com diferentes ritmos e necessidades ao mesmo tempo. Por isso, intervenções planejadas tornam-se parte essencial do trabalho

psicopedagógico, articulando escola, família e práticas estruturadas de apoio. Nascimento e Souza (2018) enfatizam que “é essencial que haja uma intervenção psicopedagógica eficaz, que atenda às suas especificidades” (Nascimento; Souza, 2018, p. 164), destacando o papel estratégico do psicopedagogo na construção de trajetórias escolares significativas.

Na prática escolar, muitos professores relatam que, mesmo comprometidos com a inclusão, frequentemente se veem sozinhos diante das demandas cotidianas de uma turma numerosa, o que evidencia a necessidade de apoio institucional e acompanhamento psicopedagógico contínuo. Do ponto de vista psicopedagógico, reconhecer a neuro atipicidade implica compreender que a aprendizagem de estudantes com TEA não se dá por ausência de capacidade, mas por modos distintos de percepção, interação e processamento das informações. Mattos (2019) ressalta que dificuldades no processamento sensorial podem comprometer, em graus variados, o desenvolvimento e a aprendizagem, gera padrões de respostas que incidem negativamente na comunicação e na interação social. Desta forma, muitos desafios escolares vivenciados por estudantes autistas não decorrem apenas de limitações individuais, mas de descompassos entre suas necessidades neurológicas e as condições oferecidas pelo ambiente educacional.

A escola inclusiva, portanto, precisa ser compreendida como espaço de adaptação mútua, e não como cenário em que apenas o estudante deve se ajustar a normas preexistentes. Nascimento e Souza (2018) afirmam que a inclusão de alunos com TEA em classes comuns exige repensar práticas pedagógicas vigentes, garante intervenções eficazes que atendam às especificidades desses sujeitos. A atuação psicopedagógica torna-se estratégica, pois articula diagnóstico, mediação e orientação institucional para que a aprendizagem seja possível em condições reais de participação.

Também a Psicopedagogia contribui para superar leituras que isolam o estudante autista como problema individual. Weiss (2016) destaca que a avaliação psicopedagógica deve considerar não apenas o sujeito, mas também o que a escola oferece como ensino e o que exige como produto de aprendizagem. Essa perspectiva amplia o olhar para as relações pedagógicas, curriculares e institucionais que podem favorecer ou dificultar trajetórias escolares. Compreender a neuroatipicidade e o TEA implica reconhecer que aprender é sempre um processo situado, singular e relacional, exige intervenções que respeitem a diversidade do desenvolvimento humano.

4 PROCESSAMENTO SENSORIAL E IMPLICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS NO COTIDIANO ESCOLAR

A escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige que se compreenda, de forma ampliada, como aspectos sensoriais interferem diretamente no comportamento, na atenção e na aprendizagem. O processamento sensorial refere-se à maneira como o cérebro recebe, organiza e integra

informações provenientes dos sentidos, permite respostas adequadas às situações cotidianas. Quando esse processamento ocorre de forma disfuncional, podem surgir padrões de hiper ou hiporreatividade que impactam significativamente a experiência escolar. Mattos (2019) ressalta que dificuldades no processamento sensorial comprometem, em graus variados, o desenvolvimento e a aprendizagem, gera respostas que incidem negativamente na comunicação e na interação social.

No cotidiano escolar, muitas dificuldades enfrentadas por estudantes autistas não se explicam apenas por aspectos cognitivos, mas também por alterações no processamento sensorial, que impactam diretamente atenção, interação e comportamento. Mattos (2019) observa que “muitos dos comportamentos apresentados por indivíduos com TEA no ambiente escolar podem estar relacionados a uma desregulação de mensagens neurais” (Mattos, 2019, p. 88). Muitas vezes, esses comportamentos são interpretados apressadamente como desatenção ou indisciplina, quando podem expressar desconforto sensorial e tentativas de autorregulação do estudante no espaço escolar. Na rotina de alfabetização inclusiva, por exemplo, estímulos como ruídos constantes, mudanças de espaço ou excesso de informações visuais podem provocar desconforto e dificultar a permanência do estudante na atividade. O que reforça a necessidade de intervenções psicopedagógicas que considerem o ambiente, os estímulos e a forma singular como o estudante percebe e responde às experiências escolares.

“Muitos dos comportamentos apresentados por indivíduos com TEA no ambiente escolar podem estar relacionados a uma desregulação de mensagens neurais pelo cérebro, gerando respostas e comportamentos inadequados. [...] Informações e conhecimentos sobre a presença de alterações sensoriais em indivíduos com TEA podem contribuir com o planejamento de intervenções melhor embasadas cientificamente, com a compreensão sobre as implicações do transtorno no desenvolvimento e na aprendizagem.” (Mattos, 2019, p. 87).

As alterações sensoriais no TEA não se limitam a reações comportamentais, mas podem comprometer de modo mais amplo o desenvolvimento e a aprendizagem escolar. Mattos (2019) destaca que “dificuldades nas habilidades do processamento sensorial comprometem, em graus variados, o desenvolvimento e a aprendizagem” (Mattos, 2019, p. 88). O ponto é que as intervenções psicopedagógicas precisam incluir adaptações pedagógicas, organização dos estímulos em sala de aula e estratégias que favoreçam maior previsibilidade e segurança para o estudante, ampliando suas possibilidades de participação.

O DSM-5² incorpora explicitamente critérios relacionados à hiper ou hipo reatividade³ sensorial no diagnóstico do TEA, reconhece que tais alterações fazem parte do quadro clínico. Mattos (2019) observa que indivíduos autistas podem apresentar reações contrárias a sons ou texturas específicas, fascinação visual

² DSM-5 -Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição

³ é uma resposta diminuída, lenta ou insuficiente a estímulos sensoriais (luz, som, toque, dor) ou emocionais, onde o sistema nervoso precisa de alta intensidade para processar informações

por luzes ou movimentos, ou indiferença aparente à dor e temperatura. Essas manifestações, quando não compreendidas, podem gerar práticas escolares excludentes, baseadas em punições ou exigências inadequadas, ao invés de adaptações pedagógicas sensíveis.

Do ponto de vista psicopedagógico, compreender o processamento sensorial é fundamental para planejar intervenções mais consistentes. Mattos (2019) afirma que o conhecimento sobre padrões de respostas sensoriais auxilia na compreensão de comportamentos estereotipados e repetitivos, frequentemente associados à tentativa de autorregulação do sujeito. A identificação desses padrões permite intervenções pontuais, reduz a ansiedade e favorece maior disponibilidade para o aprender. O psicopedagogo pode contribuir tanto no acompanhamento clínico quanto na orientação escolar e propõe estratégias de organização ambiental e mediação pedagógica.

A atuação psicopedagógica deve articular escuta, observação e intervenção contextualizada. Weiss (2016) reforça que uma inclusão psicopedagogicamente correta exige preparo técnico, apoio constante ao professor e respeito à singularidade do estudante, evita que a inclusão se torne apenas fictícia. Cabe considerar as alterações sensoriais no TEA não é um detalhe secundário, mas um elemento central para a construção de práticas inclusivas reais. O cotidiano escolar, quando reorganizado a partir de uma compreensão sensorial e neuroatípica⁴ do aprender, pode tornar-se espaço mais acessível e favorecer trajetórias educacionais mais significativas para estudantes autistas.

5 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO E ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES COM TEA

“A leitura do livro deixa uma inevitável constatação: o exercício da Psicopedagogia não é para quem quer; é, sobretudo, para quem pode. Não basta o domínio teórico, já que seu exercício é metateórico e supõe, por parte do profissional, uma percepção refinadamente seletiva e crítica. Mais ainda, a capacidade de juntar e processar saberes, na medida de cada caso, para dar conta de cada um.” (Weiss, 2016, p. 11).

Este trabalho psicopedagógico constitui um eixo central da prática clínica e institucional, pois permite compreender como o sujeito se relaciona com o aprender, evitando leituras simplificadoras ou meramente classificatórias. Weiss (2016) destaca que a inclusão exige um olhar atento às diferenças, questionando: “será que estamos realmente preparados para lidar com as diferenças entre os alunos?” (Weiss, 2016, p. 15). Logo, diagnosticar não significa rotular, mas construir uma escuta qualificada que

⁴ é um termo utilizado para descrever pessoas cujo desenvolvimento neurológico, processamento cognitivo e comportamentos se alinham com o que é considerado "padrão" ou "comum" pela sociedade

integre história escolar, considerando o percurso real do estudante em sala de aula e suas formas reais de participação, contexto familiar e condições institucionais, favorecendo intervenções mais consistentes.

Diagnosticar não significa reduzir o estudante a um rótulo ou a uma explicação simplificadora, mas compreender como ele se relaciona com o conhecimento, com a escola e com os outros. Weiss (2016) enfatiza que o psicopedagogo não pode diagnosticar o sujeito isolado no tempo e no espaço, pois as dificuldades de aprendizagem estão inseridas em uma realidade socioeconômica, institucional e afetiva. O diagnóstico deve integrar aspectos familiares, escolares e culturais, e considerar que o modo de aprender é construído nas relações e nas expectativas sociais que atravessam o estudante.

No caso de estudantes com TEA, a avaliação psicopedagógica assume importância ainda maior, pois permite compreender as variáveis específicas do neurodesenvolvimento que impactam a escolarização. Weiss (2016) afirma que, em situações de inclusão, a avaliação é fundamental para conhecer os elementos envolvidos no processo de aprendizagem do novo aluno e auxiliar o professor a lidar com as novas igualdades e diferenças que passam a existir na turma. O que se observa é que a Psicopedagogia contribui para que a inclusão não seja apenas formal, mas efetivamente construída com base em intervenções planejadas e contextualizadas.

Este diagnóstico deve evitar a patologização automática de comportamentos e dificuldades escolares. Weiss (2016) propõe uma postura de despatologização do fracasso escolar, discute com pais e escola quando há má condução da questão educacional e quando o problema não está no estudante, mas nas condições institucionais de ensino. Essa perspectiva é especialmente relevante no acompanhamento de estudantes autistas, cujos comportamentos podem ser interpretados como indisciplina ou desatenção, quando muitas vezes estão relacionados a dificuldades sensoriais, comunicacionais ou de autorregulação.

O processo deste, envolve procedimentos que ultrapassam testes e avaliações formais, incluindo observação, entrevistas, análise do histórico escolar, uso do lúdico e devolutivas orientadoras. Weiss (2016) destaca que a intervenção psicopedagógica deve apoiar permanentemente o aluno-paciente dentro do respeito às suas características pessoais e articulam também uma troca constante com família e escola. É mister refletir que o mesmo não é um fim em si, mas parte de um acompanhamento contínuo que visa promover mudanças de atitude, ampliar possibilidades de aprendizagem e fortalecer vínculos com o conhecimento.

O diagnóstico no acompanhamento de estudantes com TEA constitui uma prática ética e interdisciplinar, orientada pela singularidade do sujeito e pela complexidade do processo educativo. Ao integrar dimensões cognitivas, afetivas e institucionais, a Psicopedagogia contribui para intervenções mais consistentes e para a construção de trajetórias escolares mais inclusivas. Reconhecer o estudante autista como sujeito de aprendizagem, e não como mero portador de limitações, é condição fundamental para que a escola se transforme em espaço de participação, desenvolvimento e sentido.

6 INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS: MEDIAÇÃO, ABA E CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA

As intervenções psicopedagógicas voltadas a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) devem ser compreendidas como práticas mediadoras que articulam dimensões cognitivas, emocionais, sensoriais e institucionais do aprender. Não se trata de aplicar métodos universais ou padronizados, mas de construir estratégias que respeitem a singularidade do sujeito neuroatípico e favoreçam sua participação efetiva na vida escolar. Nascimento e Souza (2018) destacam que, diante da inclusão de alunos com TEA em escolas comuns, torna-se necessário repensar práticas pedagógicas vigentes, pois “é essencial que haja uma intervenção psicopedagógica eficaz, que atenda às suas especificidades” (Nascimento; Souza, 2018, p. 165). Logo, a Psicopedagogia assume papel estratégico na construção de condições reais de aprendizagem.

A aprendizagem não ocorre de forma neutra, pois envolve dimensões emocionais que influenciam diretamente a memória, o engajamento e o sentido atribuído ao conhecimento. Na experiência escolar cotidiana, é possível observar que estudantes aprendem com mais profundidade quando se sentem envolvidos, seguros e motivados diante das propostas pedagógicas. Pantano e Zorzi (2009) afirmam que “a informação chega ao sistema límbico, responsável por atribuir significado emocional ao estímulo” (Pantano; Zorzi, 2009, p. 179), evidenciando que o cérebro não apenas processa conteúdos, mas também os interpreta afetivamente.

Isso significa que emoções como interesse, curiosidade e pertencimento podem favorecer a consolidação das aprendizagens, enquanto situações de ansiedade ou desmotivação tendem a dificultar a atenção e a retenção. Dessa forma, práticas pedagógicas que consideram o estudante como sujeito integral — e não apenas como receptor de informações — contribuem para experiências escolares mais significativas. Ao articular à Psicopedagogia, cognição e afetividade, oferece um olhar importante para intervenções que respeitem os modos singulares de aprender.

A atuação psicopedagógica, nesse cenário, não se limita à aplicação de técnicas, mas envolve mediação simbólica e compreensão do sujeito em sua complexidade. Weiss (2016) enfatiza que o atendimento psicopedagógico deve ocorrer “dentro do respeito a suas características pessoais”, possibilita intervenção direta com a criança ou adolescente e orientação permanente junto à família e à escola (Weiss, 2016, p. 19). Essa perspectiva reforça que a inclusão não se constrói apenas no plano individual, mas na articulação entre os diferentes atores que compõem o processo educativo.

Outro eixo fundamental das intervenções psicopedagógicas diz respeito à dimensão sensorial, frequentemente negligenciada no cotidiano escolar. Mattos (2019) aponta que muitos comportamentos apresentados por indivíduos com TEA no ambiente escolar podem estar relacionados a dificuldades no

processamento sensorial e gera respostas inadequadas diante de estímulos cotidianos. A autora afirma que “muitos dos comportamentos apresentados por indivíduos com TEA no ambiente escolar podem estar relacionados a uma desregulação de mensagens neurais pelo cérebro” (Mattos, 2019, p. 88). Intervenções psicopedagógicas consistentes devem incluir adaptações ambientais, estratégias de regulação e compreensão dos padrões sensoriais do estudante.

Além disso, a Psicopedagogia contemporânea compreende que seu objetivo não é apenas identificar dificuldades, mas observar potencialidades e condições para um processo satisfatório de aprendizagem. Rubinstein et al. (2004) destacam que a contribuição central da Psicopedagogia está em uma avaliação voltada ao potencial de aprendizagem, e não apenas a uma “fotografia instantânea” baseada em medidas psicométricas. As autoras afirmam que “visa-se observar o potencial de aprendizagem do aluno e quais são as melhores condições para um processo satisfatório de aprendizagem” (Rubinstein et al., 2004, p. 225). Essa abordagem amplia o compromisso inclusivo, pois desloca o olhar do déficit para as possibilidades.

Dessa forma, as intervenções psicopedagógicas voltadas ao TEA devem integrar mediação pedagógica, estratégias estruturadas, compreensão sensorial e trabalho interdisciplinar, visando à construção gradual de autonomia e participação. A inclusão psicopedagogicamente correta, como destaca Weiss (2016), exige preparo técnico, apoio constante ao professor e respeito à singularidade do estudante, para que não se produza uma inclusão apenas fictícia. Desta maneira, a Psicopedagogia se consolida como campo essencial para práticas inclusivas mais fundamentadas, humanas e coerentes com a diversidade do aprender.

“Será que, como profissionais de educação e saúde, estamos realmente preparados para lidar com as diferenças entre os alunos? [...] Justiça não seria tratar de modo diferente a quem é realmente diferente? Dar a cada filho ou aluno de acordo com sua verdadeira necessidade?” (Weiss, 2016, p. 15).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicopedagogia, ao se constituir como campo interdisciplinar comprometido com a aprendizagem, oferece contribuições decisivas para o acompanhamento de estudantes neuroatípicos, especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista. Este capítulo evidenciou que a inclusão escolar desses sujeitos não pode se limitar ao acesso formal à escola comum, mas exige intervenções planejadas, sensíveis e fundamentadas, capazes de considerar a singularidade do desenvolvimento e do aprender.

Rubinstein, Castanho e Noffs (2004) ressaltam que a Psicopedagogia contemporânea desloca o olhar do déficit para o potencial de aprendizagem, buscando compreender as melhores condições para que o estudante possa aprender de forma satisfatória. Essa perspectiva é fundamental no TEA, pois permite superar leituras patologizantes e construir práticas centradas em possibilidades, e não apenas em limitações.

Reconhecer diferentes modos de aprender como parte da diversidade humana implica que a escola se reorganize pedagogicamente, oferecendo mediações, apoios e estratégias que favoreçam a participação efetiva do estudante autista no cotidiano escolar.

O capítulo também destacou que muitos desafios enfrentados por estudantes autistas no cotidiano escolar estão relacionados ao processamento sensorial. Mattos (2019) demonstra que alterações sensoriais comprometem o desenvolvimento e a aprendizagem, podendo gerar respostas comportamentais inadequadas quando não compreendidas pela escola. Essa dimensão é reconhecida também pelo DSM-5 (APA, 2013), ao incluir critérios relacionados à hiper ou hipo reatividade sensorial no espectro autista. A atuação psicopedagógica deve incorporar estratégias de adaptação ambiental, mediação e regulação e favorece maior participação e disponibilidade para o aprender.

Além disso, intervenções estruturadas, como a Análise do Comportamento Aplicada, podem contribuir para a ampliação do repertório comportamental e para a promoção de autonomia. Nascimento e Souza (2018) apontam que a ABA tem sido indicada como possibilidade eficaz de intervenção, desde que articulada criticamente ao contexto educacional e às necessidades específicas do sujeito. A Psicopedagogia não atua como mera aplicadora de técnicas, mas como mediadora que integra escola, família e equipe multidisciplinar e respeita trajetórias singulares.

Do ponto de vista sociocultural, Vygotsky (1998) contribui ao enfatizar que a aprendizagem ocorre mediada pelas interações sociais, é o desenvolvimento impulsionado por práticas de apoio e mediação. Bronfenbrenner (1996) amplia essa leitura ao demonstrar que o desenvolvimento humano depende de múltiplos sistemas interligados, como família, escola e políticas institucionais. O acompanhamento psicopedagógico de estudantes com TEA exige uma compreensão ecológica e relacional, que ultrapasse explicações centradas exclusivamente no indivíduo.

Por fim, o capítulo ressalta a necessidade de uma postura ética diante da tendência de medicalização das diferenças escolares. Em muitos contextos, dificuldades de aprendizagem e modos singulares de desenvolvimento têm sido interpretados de forma excessivamente individualizante, o que pode obscurecer fatores pedagógicos e institucionais envolvidos no processo educativo. Em contextos escolares reais, há o risco de que a inclusão se transforme apenas em um registro formal, sem que o estudante esteja, de fato, participando das experiências de aprendizagem. Weiss (2016) reforça que uma inclusão psicopedagogicamente correta exige preparo técnico, apoio constante ao professor e respeito às características pessoais do estudante, evitando que a inclusão se torne apenas estatística ou fictícia.

Conclui-se, desta forma, que a Psicopedagogia se consolida como campo estratégico para práticas inclusivas que façam sentido na vida escolar concreta e não apenas no discurso institucional, mais fundamentadas e coerentes com a diversidade do aprender. Reconhecer o estudante autista como sujeito de

aprendizagem, e não como mero portador de limitações, constitui condição essencial para que a escola se transforme em espaço de pertencimento, desenvolvimento e construção de trajetórias educacionais mais significativas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Doralice Veiga. Psicopedagogia: avaliação e diagnóstico. Vila Velha: ESAB, 2007.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5. 5. ed. Washington, DC: APA, 2013.
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BRUER, John T. Education and the brain: a bridge too far. Educational Researcher, Washington, v. 26, n. 8, p. 4-16, 1997.
- GRANDIN, Temple. O cérebro autista: pensando através do espectro. São Paulo: Record, 2014.
- MATTOS, Jaci Carnicelli. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 36, n. 109, p. 87-95, 2019.
- NASCIMENTO, Gabriela Alves; SOUZA, Sandra Freitas de. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidades de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada. Paidéia, Belo Horizonte, v. 13, n. 19, p. 163-185, jan./jun. 2018.
- RUBINSTEIN, Edith; CASTANHO, Marisa Irene; NOFFS, Neide de Aquino. Rumos da Psicopedagogia brasileira. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 21, n. 66, p. 225-238, 2004.
- SKINNER, Burrhus Frederic. Science and human behavior. New York: Macmillan, 1953.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WEISS, Maria Lúcia Lemme. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- WILLINGHAM, Daniel T. Why don't students like school? San Francisco: Jossey-Bass, 2011.